

La Historia como sistema

*Maria Aparecida de Andrade*¹

Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais

*José Maurício de Carvalho*²

Universidade Federal de São João del-Rei

ORTEGA, J. & GASSET. *La Historia como sistema*. Obras completas, volume VI, p. 13-50. Madrid: Alianza, 1994.

O livro *Historia como sistema*, foi escrito em 1941, enquanto Ortega y Gasset (1883-1955) estava exilado por causa do momento político conturbado que de seu país. Para ele, naquelas circunstâncias, não era possível diálogo com as autoridades espanholas, por tanto, se exilou. Filósofo espanhol e professor da Universidade de Madrid, Ortega y Gasset, tinha interesse por história e reconhecia nesta ciência a possibilidade de entender o homem e tudo que ele faz. Sua filosofia se funda na vida como realidade radical, onde o homem se encontra inserido, deve viver e construir seu projeto vital. No entanto para realizar este projeto o homem precisa fazer escolhas. Afirma Ortega, sobre os riscos implícitos nas escolhas que: “antes de fazer alguma coisa, cada homem tem que decidir por sua conta e risco, o que ele vai fazer” (p. 13).

O homem faz suas escolhas, orientado pelas crenças que possui. Diz o filósofo, ao referir a força da crença em uma escolha: “as crenças são o que verdadeiramente constitui o estado do homem...” (p. 14). Estas crenças são idéias próprias de seu tempo, nas quais se acredita inteiramente. E agem de duas formas na vida humana: podem ser meras idéias, invenção ou se converterem em uma revelação. Segundo Ortega y Gasset, “As crenças constituem o extrato básico mais profundo da arquitetura da nossa vida” (p. 18). Então, esclarece, conhecendo a sua crença fundamental se entende a existência do homem, pois ela é a base da vida, está na raiz do modo de pensar individual e coletivo. Com o passar do tempo, estas podem enfraquecer ou fortalecer. É comparando-as que se entende a vida em cada tempo. Ortega y Gasset explica que a crença se consolida na sociedade, e impacta seus membros, pois “qualquer que seja a crença de cada um de nós,

¹ Programa de Bolsa de Iniciação Científica e Tecnológica Institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais - PIBIC/FAPEMIG (airamaaf@hotmail.com).

² Departamento das Filosofias e Métodos (DFIME), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) (mauricio@ufsj.edu.br).

sempre encontramos ante nós um estado de fé constituído, coletivamente estabelecido... com vigência social” (p. 19). Para que uma opinião ganhe vigência social leva tempo, o que faz com que ela deixe de ser uma forma de vida espontânea e se torne um uso velho.

Na Idade Média era a crença em Deus que orientava o homem no mundo, porém, o homem deixou-a de lado e trocou Deus pela crença na capacidade da razão no início da modernidade. Quando René Descartes escreveu suas meditações, acreditava que a razão conduziria à verdade. Segundo Ortega y Gasset, desde que surgiu na Grécia antiga e renasceu no século 11, a razão era uma fé, e quando se combateu a fé religiosa com a razão não se sabia que a fé também era um tipo de razão, pois toda ação intelectual que coloca o homem em contato com a realidade e o liga com o transcendente é uma forma de razão. Segundo o filósofo na atualidade o homem está perdendo a crença na razão Física que vem dando lugar à razão vital e histórica. A Física fracassou na tentativa de explicar o homem porque este não tem natureza e sim história, então, já “que o homem não é uma coisa, é falso falar da natureza humana, que o homem não tem natureza” (p. 24), não se trata o homem com as mesmas categorias que explicam os fenômenos da matéria.

As chamadas ciências do espírito, contrárias às ciências naturais, interpretavam o homem como realidade espiritual, o que para Ortega y Gasset tem sentido vago, pois para ele o espírito já é o que tem que ser e o homem faz a si mesmo; determina seu projeto vital e passa a vivê-lo. Este projeto vital é uma escolha feita conforme as possibilidades que surgem na vida do homem.

Diante das possibilidades de ser, o homem não poderá voltar a ser o que já foi e terá que buscar uma nova forma de ser homem, tanto no âmbito pessoal como no social. O passado, na avaliação do filósofo, é parte do presente, é a série dialética das experiências humanas, e o que torna possível ao homem saber o que ele não será por já ter sido. O homem acumula experiência de vida. Para Ortega y Gasset, “Essa experiência é um conhecimento do que temos sido que a memória conserva e que sempre encontramos acumulado em nosso hoje, em nossa atualidade ou realidade” (p. 37). Portanto o passado é a força viva e atuante que mantém o mundo de hoje. Por isto para o filósofo a substância da vida é a mudança, é ela que torna possível perceber que “o homem não é um primeiro homem e eterno Adão, senão que é, formalmente, um homem, segundo, terceiro, etc.” (p. 42), com o tempo a mudança levou o homem de selvagem a surrealista, liberal e assim por diante.

A história é o sistema das experiências humanas e o que o homem foi pode ser entendido por meio da história. O objetivo de Ortega y Gasset é “encontrar na própria história sua razão original e autóctone. Por isso, tem que se entender, em todo o seu rigor, a expressão ‘Razão Histórica’” (p. 50).

O filósofo quer encontrar na história sua razão original. A razão histórica é o que acontece ao homem e é ele que cria suas teorias ao longo do tempo e não à revelação de uma razão transcendente.

Neste livro *Historia como Sistema*, a história é apresentada como a forma de entender a vida e o que o homem tem feito examinando-a. Ortega y Gasset mostra que a razão se desenvolveu ao longo da história, conforme o homem enfrentava a vida. O homem, ao contrário do que se pensa, não possui uma razão abstrata, a razão surgiu e evoluiu na vida. Dessa forma a história é o sistema onde se desenvolve a razão vital, tema central do filósofo. O raciovitalismo orteguiano representa a superação do idealismo Kantiano, sem voltar às posições do realismo ingênuo, pois a realidade é coexistência do eu e do mundo. O homem enfrenta o mundo e este o pressiona. No idealismo alemão a máxima é um princípio que dá uma direção por mais distante que esteja da vida. No pensamento de Ortega y Gasset, as crenças estão subjacentes às escolhas e o homem escolhe conforme seu projeto vital. Em outra obra sua *Origen y epílogo de la filosofía*, este desenvolvimento da razão histórica é apresentado narrando à história do surgimento da Filosofia na Grécia Antiga.